

Suplemento Cultural

POESIA

ALMA INSACIÁVEL

Perguntaste: “Por que este amor celeste,
Tão cheio de ternura enluarada,
Está sempre tal qual a mim mo deste
No início esperançoso da jornada?”

“Que teu amor nasceu belo, é incontestado...
Mas por que não crescê-lo na escalada
Desta ardente paixão que em mim puseste
Qual sede em minha alma insaciada?”

Respondo-te: “Que engano, oh! Flor querida!
Tua chama acendeu-me um sentimento
O mais puro e crescente desta vida!”

“É um amor que é um mistério tão bonito,
Que além de ser eterno num momento,
É capaz de crescer, sendo infinito!”.

GERALDO RAMON PEREIRA

JOGO LIMPO

Tem que ser
Na boa conformidade
Com as boas regras
O jogo humano

Caráter não tem cor material
Mas pode ser sujo ou limpo

O Barão de Coubertin disse
Não importa apenas ganhar
O importante é competir
Muitos não compreenderam
Essa regra salutar

É bom salientar
Temos muito a fazer
Para essas regras respeitar

A FIFA criou desde 1978
O troféu “Jogo Limpo”
Premiando seleções
Menos faltosas
Da Copa do Mundo
Entretanto ainda vemos
Jogo bruto ou desleal
Dentro ou fora de campo

Limpeza ou sujeira reinam
Na experiência contida

É preciso continuar
Alimentado amor respeito
Despertando consciências
Sem discriminação
De cor raça ou credo

Seja consagrado
O jogo limpo
E de verdade chegue
Ao mundo inteiro
Um alento com respeito
E dignidade ao ser humano.

GUIMARÃES ROCHA

Lembranças – tempos idos e vividos

CHIQUINHO PALHANO

No ano da graça de 1940, Campo Grande tinha, exatamente, vinte e seis mil habitantes, e quem duvidar não custa consultar os nossos arquivos: éramos, então, pouco mais do que uma vila perdida nestes confins do Centro-Oeste. Se bem que, naquele tempo, nem éramos conhecidos como Centro-Oeste, mas era o fim do mundo mesmo, que pelo menos nos daria certa dignidade. Uma coisa, um não sei que, nos dava uma força que nos impelia para frente, não se escutava de ninguém que pouco mais do que nada éramos, o nosso orgulho tolhia investidas negativas. Talvez a coragem dos que aqui aportaram, em busca de fortuna, contaminasse os outros viventes. De resto, esses outros, formando uma plêiade de valentes, como suas aroeiros, tinham no espírito um cerne consistente infenso ao desânimo. Nunca se escutavam, de quem quer que fosse, palavras desanimadores e vou dar-lhe um exemplo.

Por volta dos anos trinta, um jovem médico, formado na melhor faculdade do País, saído da Vacaria e alcançando o Rio de Janeiro em lombo de cavalo, depois de formado, resolveu fazer uma extensão universitária a fim de melhorar seus conhecimentos no mais

“

“Talvez a coragem dos que aqui aportaram, em busca de fortuna, contaminasse os outros viventes. Esses outros, formando uma plêiade de valentes (...), tinham no espírito um cerne consistente, infenso ao desânimo”

avanzado país da época, a Alemanha. O atrevido jovem chamava-se Vespasiano Martins. E você sabe o que fez depois do grande salto? Estabeleceu-se no Rio ou em São Paulo, certo? Errado. Veio para sua terra, Campo Grande, exercer não apenas a profissão que escolhera, mas também emprestar seu talento político em prol da amada terra. Fico por aqui que Vespasiano é tão grande que não cabe numa simples crônica. Outros vieram de muito longe, do outro lado do mundo, uns do Japão, trazendo na bagagem apenas suas ferramentas de lida na terra e a quem devemos a fartura que imprimiram no lugar. Os de procedência árabe dedicavam-se ao comércio,



Cine Alhambra, 1975. Imagem indelével na lembrança de seus contemporâneos, na Avenida Afonso Pena, abaixo da Rua 14 de Julho

fossem eles descendentes de fenícios que, com suas canoas, saíam oceano afora descobrindo novas terras. Talvez o desconforto tenha sido o fator gerador de progresso, pois excitava os seus habitantes a fazer do pouco muito. Aos domingos, havia matiné no Alhambra e eu me vejo na minha juventude vestido de terno e gravata, que ninguém aqui era cafajuste para andar sem gravata, dirigir-me ao cinema, onde, na entrada encontrava a Glorinha, acompanhada da irmã Ivonete, por quem eu tinha uma paixonite nunca correspondida, e logo depois a outra, Glorinha, tão bonita como suas irmãs, todas de Sampaio (CE) e de belas lembranças. Ali, na sala de esperança, a gente ficava de olho comprido nas meninas, procurando o que hoje se chama paquera, até o começo da famosa sessão de cinema. Víamos, então, Clark Gable, Gary Cooper, Thereza Write, Carole Lombard

desfilando em filmes inesquecíveis, ao cabo dos quais, saímos de volta a casa, não sem antes tentarmos qualquer aproximação com nossas estrelas crioulas.

Depois do cinema, um sorvete no Bar Bom Jardim, bem ali na Rua 14, que seu Eugenio Perón, com sua incansável simpatia, servia-nos com nobre gentileza. Depois, ia cada um para sua casa, aguardar a noite para iniciar logo mais uma outra semana. Quer melhor que isso?

Era assim, meus queridos, a nossa Campo Grande, que hoje, com o conforto que a vida nos dá, é a metrópole que vemos. Mas é bom não esquecer, jamais, que devemos tudo isso a eles, nossos antecessores, que nos legaram, talvez com sacrifício, o que hoje desfrutamos. Eu gosto de lembrar daqueles tempos, mas gosto, sobretudo, de lembrar de agradecê-los, a todos.

Encontros e Desencontros

ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO

Entre as ocasiões em que se produziram as grandes centelhas responsáveis pelas profundas transformações individuais ou da História da Humanidade, ou pelo menos abraçaram o coração dos que deles participaram. Temos, na BÍBLIA, o encontro de Zaquueu com Cristo, tão bem imaginado por João Mahana, e que, segundo o escritor, transformou, milagrosamente, o publicano, cobrador de impostos, num homem santo, sábio e redimido, ou salvo, enfim, pela presença do Salvador. Depois,

houve o encontro de Saulo, na Estrada de Damasco, do qual se beneficiou, e muito, o Cristianismo nascente, graças à ardente pregação do novo Apóstolo.

Séculos após, Francisco de Assis encontrou o leproso e tal ocorrência serviu para que se desfizessem as dúvidas que o atormentavam e, a partir daí, ele caminhou, decididamente, nas sendas da Pobreza, do Amor e da Caridade que jamais deixou de palmilhar depois daquele episódio.

Temos também, muito edificante, o hipotético encontro de Carlos Carreto com um necessitado árabe que tanto o impressionou e que o levou a escrever páginas de rara beleza e emoção, no livro de sua autoria “Cartas do Deserto”.

Lembrando-me de todos esses encontros e da transformação que ope-

raram em todos os personagens que deles participaram, registro o grande encontro que tive com o pe. Eugène Charbonneau, num encontro de casais, alhures numa capital nordestina, no qual ele, como pregador e artista, provocou em mim uma profunda emoção ao narrar, à sua maneira, a parábola do filho pródigo, o que provocou minha reconciliação com o PAI. Naquele dia se desfizeram, dentro de mim, as últimas barreiras que me impediam de conhecer o Pai até então entrevisto apenas de longe, num nevoeiro, e cuja presença eu evitava, ou cuja aproximação eu temia. Quando me identifiquei com o filho pródigo não houve mais o que me impedisse de lhe prestar a minha reverência.

Eu me considerava ateu quando conheci um amigo profundamente inteligente e que não obstante era

um católico praticante e convicto. Quando o conheci, a época dos grandes questionamentos da juventude havia passado. A ebulição do espírito se acalmara e já não havia a sofreguidão de beber, de uma só vez, taça do conhecimento e também se acalmara a inquietação da dúvida. Quem sabe talvez estivesse começando uma nova época de pesca de homens às margens do lago de Genesaré.

Conhecê-lo, privar com ele, ouvir a sua sábia conversa foi com um bálsamo especial para as minhas dúvidas, para as feridas de minha alma.

E ei-lo, pela minha vida a fora, a me aconselhar, a me traçar rumos em busca da paz e da felicidade. E por tudo isso eu lamento que ele não mais esteja no mundo dos vivos, tenha voltado ao seio do Pai, tenha retornado à sua condição de eleito, de morador do Paraíso.

Frei Gregório: um santo caminheiro*

F. LEAL DE QUEIROZ

Um dia, alguém teria de ser atraído pela trajetória de vida de um ser privilegiado pelos desígnios desenhados pelas leis divinas e perpetuá-la em bela obra literária, com texto fluente, enxuto, abrangente e reflexivo, como o era de fato Frei Gregório de Protásio Alves - um Homem de Deus em Campo Grande.

A pacata Protásio Alves, despretenso-sa cidade incrustada no coração da terra gaúcha e que tanto orgulha sua generosa gente, viu nascer ali um rebento que mais orgulho ainda lhe dar quando a sua história de piedoso peregrino, contada aqui, chegar para os seus filhos, que avidamente cultuam suas tradições e valores herdados e os nascentes. Nome de batismo do biografado: Davi Bonatto. Para nós: Frei Gregório.

O leitor encontrará nas páginas dos livros lançados pelo saudoso acadêmico escritor o reflexo dos passos de um homem predestinado a ser caridoso, sincero, corajoso, afetivo. Seu coração inquieto era um desafio permanente no horizonte da sua existência, que, para isso, contou com o entusiástico consen-

timento do seu João e dona Matilde, ensinando-lhe o endereço da vida religiosa, e partindo daí pôs o pé na estrada, suportou valentemente muito pé de vento, tomou pé d'água, mergulhou pé na lama, tropeçou no pé da cama, descansava às vezes na sombra de um pé de pau, mas, enfim, lá estava ele vitorioso ao pé do altar!

Figura excepcional esse Frei Gregório, casado com a alegria do seu povo, amando seus paroquianos, integrava-se facilmente no seu cotidiano, apropriando os hábitos locais, suas emoções, carregando no alforje, ao lado do missal, um irrepreensível bom humor e sua gaita a tiracolo.

Reginaldo Araújo, amigo e confidente do saudoso Frei Gregório, brindou seus leitores com a história de toda a vida, rica e piedosa desse gaúcho espelho, que, renunciando aos pampas, chegou e enraizou-se nas terras pantaneiras como um santo caminheiro.

* Prefácio (adaptado) do livro “Frei Gregório - Um Homem de Deus em Campo Grande”, de autoria do acadêmico Reginaldo Alves de Araújo.

Ninho de sabiá

NELLY MARTINS

Naquele dia, o casal de sabiás, pouco menores e menos coloridos que o sabiá-laranjeira, faz uma inspeção na redondeza.

Do matinho vêm para o canto da janela, voam para um e outro lado, examinam o interior da sala enorme e estão atentos aos que por lá circulam. Juntos decidem que o local é seguro, protegido, mesmo de uma chuva inesperada.

E assim, terminada a operação de estudo da área, ambos iniciam a feitura do ninho. Trabalham dia e noite e logo vê-se abrigo redondo, de ramos secos e barro, na trave do janelão/porta.

Desconfiados, assustados, os sabiás só se tranquilizam quando as cortinas se fecham e não mais se abrem. Vigia-se o dia a dia deles de longe, de outros pontos da janela, ou pela fresta dos tecidos.

Um ovinho, azul com pintas marrons. Dois, três, quatro enchem a pequena morada. Poucos dias e a sabiá se deita, chocando. Logo vêm

os filhotes. Três vermes levemente rosados, pelados, feios, embolados no fundo da cuia bem feita. Sobrara um ovo que mais tarde desaparece.

Com a chegada dos passarinhos, torna-se mais agitada a mãe. Aquece a ninhada, passa bons momentos ao lado dela, olhando-a, vigiando-a, namorando-a; o companheiro salta de um para o outro arbusto, do cerrado próximo, com rasantas até a trave da janela.

Os três bichinhos abrem as bocas a todo momento. Não há comida que satisfaça os feios bocudos. Mãe sabiá luta, pai sabiá ajuda e ambos estão felizes.

Em poucos dias crescem os passarinhos. Tornam-se escuros e em cada corpo começa a aparecer rala penugem cinza.

Mais uns dias e vão se emplumando, as penas surgindo. Tomam feição que o ninho se torna pequeno. Teme-se que caiam dele.

Continuam a crescer, já batem e esticam as asas, sobem na beira do ninho. Para se ajeitarem melhor, no pequeno espaço de que dispõem,

um empurra o outro e há sempre algum sob os demais.

Descobrem o bico, o corpo, as asas, pouco a pouco, e passam a se coçar, bicando, bicando.

Os pais agitam sem parar. Trazem bichinhos, minhocas e até uma borboleta amarela.

Estão uma lindeza os três sabiás. São pequenos, sem cauda, curtas asas, mas ensaiam a partida.

Num dia chuvoso, com dezesseis dias, um deles deixa sua primeira morada, voando para a vida. Os que ficaram se ajeitam melhor em seu ninho, empoleiram nas bordas do mesmo, batem as asas ou passam tempo imóveis, ora olhos abertos, ora dormindo sem reclamar a perda do que se foi. No dia seguinte, voam também.

O ninho vazio é figura triste, sem alma. Sobra dos seres que partiram e logo estarão nos alegrando com o seu cantar.

A janela, onde se desenrolavam cenas de graça e ternura, ficou vazia. Ficou vazia a janela da sala de trabalho do governador.